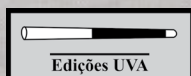


Carlos Augusto Pereira dos Santos
Organizador

Nossa Gente, Nossa História

O Ceará Republicano



Carlos Augusto Pereira dos Santos
Organizador

*Nossa Gente,
Nossa História*
O Ceará Republicano

Sobral-CE
2019



Nossa Gente, Nossa História. O Ceará Republicano

© 2019 copyright by Carlos Augusto Pereira dos Santos (Organizador)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil.

Efetuada depósito legal na Biblioteca Nacional.



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1328
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222 / 9 9846.8222
sertaocult@gmail.com / mammarco@gmail.com

Conselho Editorial

Adriana Brandão Nascimento Machado
Carlos Augusto P. dos Santos
Isorlanda Caracristi
Nilson Almino de Freitas
Regina Celi Fonseca Raick
Telma Bessa Sales
Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Revisão

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Foto da capa

Passeio público, Fortaleza, 1919

Catálogo na publicação

Leolgh Lima da Silva – CRB3/967



Av. da Universidade, 850 - Campus da Betânia - Sobral - CE

CEP 62040-370 - Telefone: (88) 3611.6613

Filiada à



Reitor

Fabianno Cavalcante de Carvalho

Vice-Reitora

Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque

Diretora das Edições UVA

Maria Socorro de Araújo Dias

Conselho Editorial

Maria Socorro de Araújo Dias (Presidente)
Alexandra Maria de Castro e Santos Araújo
Ana Iris Tomás Vasconcelos
Carlos Augusto Pereira dos Santos
Claudia Goulart de Abreu
Eneas Rei Leite
Francisco Helder Almeida Rodrigues
Israel Rocha Brandão
Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque
Maria Adelane Monteiro da Silva
Maria Amélia Carneiro Bezerra
Maria José Araújo Souza
Maria Somália Sales Viana
Maristela Inês Osawa Vasconcelos
Raquel Oliveira dos Santos Fontinele
Renata Albuquerque Lima
Simone Ferreira Diniz
Tito Barros Leal de Ponte Medeiros
Virgínia Célia Cavalcanti de Holanda

N785 Nossa gente, nossa história: o Ceará republicano. / Santos, Carlos Augusto Pereira. (Org.) - Sobral: Sertão Cult; Edições UVA, 2019. 294p.

ISBN: 978-85-67960-25-8
ISBN: 978-85-9539-035-5
DOI: 10.35260/67960258-2019

1. Sertão. 2. Educação 3. Cultura.
I. Título. II. Santos, Carlos Augusto Pereira.

CDD 981.31

Sumário

Nossa História, Nossa Gente. À guisa de prefácio e apresentação / 5

Parte 1 - O sertão da água, da seca e da religião

1. “O rio é uma riqueza imensa”: Usos e tradições sobre a importância da água no sertão de Santa Quitéria-CE (1960-1980) / 9

Maria Malena Paiva Mesquita

2. As mulheres e a seca: sobrevivência feminina em tempos de escassez em Varjota-CE (1980- 1990) / 19

Francisca Clédia Sousa de Oliveira

3. Os bastidores da seca: exploração dos trabalhadores nas frentes de serviço do Açude Araras, Varjota-CE (1951-1958) / 33

Letícia Rodrigues Gonçalves

4. Políticas públicas de combate à seca no município de Croatá-CE (1983-1996) / 45

Caubi Alves Braga

Naiane Nobre Martins

5. A seca e as obras de socorro no Ceará republicano (1889-1915) / 55

Pedro de Souza Filomeno Filho

6. Entre fanáticos e cassacos: a presença da Irmandade da Cruz nos sertões do norte do Ceará (1900-1903) / 65

Raimundo Nonato Fernandes

Parte 2 - O mundo do trabalho e da educação

7. “Se a gente fosse viver só de trabalhar pros outros a gente morria”. Memórias da Casa Grande: moradores, rendeiros e agregados na cidade de Alcântaras-CE (1907-1920) / 85

Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara

8. “Depois foi que veio essa modernização”: as transformações nos engenhos de cachaça artesanal em Alcântaras-CE (1960-2000) / 95

Adelina Lopes Guimarães

9. Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Coreauá-CE: criação e processo de organização (1965 a 1990) / 103

Sebastião Ferreira Carneiro

10. O Ensino de História e cultura indígena em Hidrolândia-CE: a Lei 11.645 de 2008 e os meios para uma descolonização da imagem do indígena / 119

Paulo Ênio de Sousa Melo

11. Práticas de combate ao analfabetismo no Ceará / 133

João Henrique Brito Lima

12. A Educação na República / 145

Natanael Lopes Alves

Parte 3 - Culturas e sociabilidades diversas

13. Historiografia e cinema: percepções da diversidade na sétima arte / 157

Vinícius Pereira de Sousa

14. Espaços de sociabilidades homoafetivas em Sobral-CE (1950-2018) / 175

Alan Silva de Moraes

15. “Zé Maria mulher”: representatividade e resistência umbandista em Sobral / 185

Antonio Tarciano Aragão Sousa

16. “Mas digo uma coisa, não é a gente que cura, mas sim Deus”. Memórias de benzedeadas em Alcântaras-CE / 197

Maria Deiziane Lino

17. “Eu entrei nessa brincadeira quando eu era um menino”. Memórias sobre o reisado groaquirense / 205

Raimundo Sousa Alves

18. Corpo em movimento, *Street Dance* e agências de patrimonialização cultural: uma experiência de pesquisa (Sobral-CE) / 221

Cleane dos Santos de Medeiros

Nilson Almino de Freitas

19. Ambivalências poéticas nas canções de Belchior – a ida e o regresso / 233

Francisco Sávio Barbosa do Nascimento

Parte 4 - Política e economia nas tramas do cotidiano

20. A Ação Integralista Brasileira (AIB) e sua influência no interior do Ceará: memórias do Integralismo em Ibiapina / 247

Odail José Martins Freire

21. A economia e seus impactos: Uma análise sobre Camocim (1930-1950) / 255

Valério Samaromni Moraes de Queiroz

22. Emissoras de rádio de Camocim: o relacionamento com grupos políticos, cultura e comércio locais (1980-1989) / 261

Maely Alves de Mesquita

23. A história da República passa por aqui! Camocim-CE (1889-1950) / 273

Carlos Augusto Pereira dos Santos

Nossa Gente, Nossa História. À guisa de prefácio e apresentação

No semestre 2018.1, propusemos aos alunos da disciplina de História do Brasil III que escrevêssemos sobre a nossa gente, aquela que está mais próxima de nós, convivendo conosco ou mesmo um pouco distante num passado recente. A ideia era que se aproveitassem as pesquisas que estavam sendo feitas para a escrita dos seus respectivos TCC's e adaptássemos as temáticas para o período republicano, tempo que converge ao estudo da mencionada disciplina acima. Teríamos, portanto, uma espécie de painel do Ceará Republicana, pelos temas levantados nas primeiras aulas. Poucos alunos tiveram de sair do seu raio de pesquisa para cumprir com o objetivo final – publicar um livro com os artigos dos alunos em fase final de curso.

Durante todo o semestre, tivemos a discussão de uma obra que nos serviu de guia e inspiração: *Histórias da Gente Brasileira*. Volume 3, República. Memórias (1889-1950), de autoria da historiadora Mary Del Priore. Foi uma experiência interessante, pois cada vez que as discussões eram estabelecidas, sentíamos que aquelas histórias contadas, no caso do terceiro volume, narradas pelo viés da memória, eram questões que nos diziam respeito, que já ouvíramos contar pelos nossos pais e avós.

Por outro lado, constatamos também que estávamos especialmente longe dos exemplos contados nas diversas partes do livro referenciado. Apesar do fôlego e do abarcamento da obra empreendida por Mary Del Priore¹, o Nordeste e, especialmente o Ceará, pouco são citados. Logicamente que compreendemos os limites de um projeto editorial desta envergadura e da logística de pesquisa. Para nós, longe disso ser um aspecto desmotivador, ao contrário, fez com que, como se preenchêssemos uma lacuna, jogássemos todas as nossas forças na construção de histórias que representassem e contassem um pouco mais de nós.

O resultado foi a escrita de vinte e três artigos, divididos em quatro partes temáticas que podem ser conferidas no sumário e ao longo do livro. Portanto, empreendemos um mergulho no universo sertanejo, falando da alegria da chegada do inverno, do inferno da seca e das práticas religiosas que beiram o fanatismo (Parte 1). Adentramos no mundo do trabalho e esticamos a jornada para compreendermos os projetos e propostas de escolarização e educação do nosso povo (Parte 2).

¹ *Histórias da Gente Brasileira* é um projeto editorial escrito pela historiadora Mary Del Priore que cobre os diversos períodos da História do Brasil. Volume 1 – Colônia, Volume 2 – Império, Volume 3 – República (1889-1950) e Volume 4 (1950-2000), publicados pela Editora LeYa, 2017.

Por outro lado, foi necessário falarmos da diversidade cultural que nos caracteriza. O que tem em comum o universo *queer* no cinema e as sociabilidades homoafetivas no espaço citadino? O que um pai de santo e um conjunto de mulheres rezadeiras podem nos dizer sobre a prática da cura? Quais são as fronteiras culturais entre dançadores de reisado, jovens bailarinos da periferia e a obra do cantor Belchior? São interrogações que poderão ser respondidas, ou não, lendo-se o conjunto de artigos da Parte 3. Finalizando, como a política e a economia interferem no cotidiano de uma cidade? É o que os autores propõem discutir na Parte 4, evidenciando as características singulares na história dos municípios de Ibiapina e Camocim.

Um último aviso ao leitor. Os textos aqui reunidos são de alunos em formação, mesmo estando em fase final de conclusão de curso. Expressam, portanto, suas trajetórias acadêmicas dentro de seus limites e potencialidades e devem ser entendidos e compreendidos dentro dessa dimensão. Como organizador, procurei interferir o mínimo no processo de orientação da escrita e incentivei que eles dividissem os processos de escrita com seus orientadores. Daí que, a maioria dos textos, já serem partes de suas monografias ou artigos finais de curso.

6 | Dizer, finalmente, que foi gratificante compartilhar saberes e ensinamentos com todos vocês, por isso o faço nominalmente: *Maria Malena Paiva Mesquita, Francisca Clédia Sousa de Oliveira, Letícia Rodrigues Gonçalves, Caubi Alves Braga, Naiane Nobre Martins, Pedro de Souza Filomeno Filho, Raimundo Nonato Fernandes, Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara, Adelina Lopes Guimarães, Sebastião Ferreira Carneiro, Paulo Ênio de Sousa Melo, João Henrique Brito Lima, Natanael Lopes Alves, Vinícius Pereira de Sousa, Alan Silva de Moraes, Antonio Tarciano Aragão Sousa, Maria Deiziane Lino, Raimundo Sousa Alves, Cleane dos Santos de Medeiros, Francisco Sávio Barbosa do Nascimento, Odail José Martins Freire, Valério Samaronni Moraes de Queiroz e Maely Alves de Mesquita.*

Boa leitura a todos!

Carlos Augusto Pereira dos Santos (Org.)

Camocim, outubro de 2018.

19. Ambivalências poéticas nas canções de Belchior – a ida e o regresso

Francisco Sávio Barbosa do Nascimento¹

*Quando eu ganhava esse mundo de meu Deus
Fazendo eu mesmo o meu caminho
Por entre as fileiras do milho verde
Que ondeia, com saudade do verde marinho².*

Introdução

A música é um ente artístico inerente da humanidade e traz consigo valores culturais e políticos que reverberam as intencionalidades no ofício artístico de composição e interpretação, perpassando então pela sonoridade, a intelectualidade humana como “um canto torto” que “corta a carne” e adentra no íntimo do indivíduo, que por sua vez reage com uma pluralidade de sentimentos decorrentes da reprodução da obra poético-melódica. Tal processo pode então atuar como mecanismo revolucionário e transformador de todo um imaginário social de várias gerações a partir da mensagem da canção e de como é passada, musicalizando o cotidiano. É sobre essa capacidade de transformar em música aspectos simbólicos da realidade que discutiremos as produções poético-musicais do artista sobralense Antônio Carlos Belchior, onde se apresenta nas linhas e entrelinhas de sua obra como sujeito melopoético³, nas composições descrevendo as aventuras de tentar oportunidade em outra região, se reagindo com perplexidade ao se deparar com “o novo”, como também o saudosismo de um indivíduo desterrado que anseia o regresso.

|233

Nesse sentido, trabalharemos com o conjunto de análise fonográfica de duas canções de Belchior - “Fotografia 3x4”⁴ e “Princesa do Meu Lugar”⁵,

¹ Graduando no Curso de Licenciatura em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú–UVA.

² BELCHIOR, Antônio Carlos Gomes. LP Coração Selvagem. In BELCHIOR. Galos, Noites e Quintais. São Paulo: WEA Discos Ltda., 1977a. f.6.

³ O sujeito melopoético pode ser entendido como quando o compositor tem a ação de se colocar dentro da canção como participante daquela trama ou daquela história.

⁴ BELCHIOR, Antônio Carlos Gomes. LP Alucinação. In BELCHIOR. Fotografia 3X4. São Paulo: Polygram, 1976a. f.9.

⁵ VALBUENO, Eduardo. YOUTUBE – Belchior - Princesa do meu lugar (Programa Som Brasil). 12 abr. 2012. 3min. 48s. Disponível em: <<https://youtu.be/FaY55w6PwRQ>> Acesso em: 10 out. 2018. A música é de composição de Belchior, mas não há registros de gravação em seus discos, somente havendo registro em uma apresentação do artista no programa Som Brasil e que só foi disponibilizada a partir dos documentos de Jorge Melo, amigo do cantor.

dialogando com produções historiográficas, entrevistas e relatos que nos auxiliarão a pensar significados históricos extramusicais que envolvem a composição, partindo do fenômeno diaspórico que levou vários artistas a migrarem do Nordeste para os grandes centros urbanos do eixo-Sul na década de 1970, em busca de visibilidade e espaço no mercado da indústria fonográfica brasileira.

A música cearense em um contexto diaspórico e a indústria fonográfica brasileira

O Nordeste do Brasil possui um histórico marcante de movimentos migratórios decorrentes de inúmeros motivos pontuais de cada estado, sejam eles sociais, econômicos ou políticos, o que fez e faz com que uma massa considerável de pessoas se desloque de “sua terra”, levando consigo a esperança de alcançar melhores condições de vida e subsistência em outras regiões que aparentemente poderiam lhes proporcionar tais anseios. Tal fluxo migratório esteve presente em vários momentos da história do Ceará, e não somente ocasionados pelo fenômeno periódico da seca, mas também por inviabilidade de projeção que tange a classe artística e, especificamente, a música.

234 |

O Sul do Brasil, nesse sentido, atuou como reduto de grandes nomes da música popular brasileira, e isso se deu graças a uma influência hegemônica na produção musical no início do século XX, pois era essa região que possuía a maior concentração de estúdios de gravação e de potenciais investidores que projetavam a figura do artista e que dariam a visibilidade necessária para tornar conhecidas suas obras. No entanto, uma das exigências naturais da indústria fonográfica era o deslocamento do artista, no caso dos nordestinos, a se deslocarem das “suas terras” para o “Sul Maravilha”⁶. Sobre isso, Haudenschild destaca três gerações, que num período de aproximadamente 40 anos fizeram esse percurso:

Ao remontarmos às décadas de 1930 e 40, podemos identificar uma 1ª geração diaspórica nordestina em nossa canção popular sendo “liderada” por Dorival Caymmi (1938) e Luiz Gonzaga (1939), na qual se inclui, entre muitos outros, os paraibanos, Jackson do Pandeiro (1954) e Sivuca (1955), o pernambucano, Dominguinhas (1954), e o maranhense, João do Vale (1950). Assim como uma 2ª geração diaspórica composta, entre outros, pelos baianos, Tom Zé (1965), Gilberto Gil (1965), Caetano Veloso (1965) e Capinam (1964), o piauiense

⁶ Termo cunhado a partir das charges do cartunista Henfil nas tirinhas do “O Graúna”, que explicava, a partir das críticas políticas a partir do humor do cartum, o fenômeno de migração dos nordestinos para o Sul.

Torquato Neto (1962) e, bem antes deles, o paraibano Geraldo Vandré (1952), que chegou ao Rio com seus pais ainda na juventude (NUZZI, 2015). E uma 3ª geração diaspórica, composta por Alceu Valença (1971), Geraldo Azevedo (1971), Fagner (1971), Belchior (1971), Djavan (1972), Ednardo (1972), Vital Farias (1975), Zé Ramalho (1976) e Lenine (1979), entre uma lista infindável de outros artistas⁷.

A construção da trajetória diaspórica dos artistas, conforme nos explica Haudenschild, se deu gradualmente com o deslocamento dos desbravadores nordestinos que atuavam como produtores culturais em suas regiões e agora precisariam se reafirmar enquanto profissionais da música, com o objetivo de alcançar um espaço no mercado musical já consolidado, e então montar um público ouvinte seguindo as predisposições impostas pela indústria fonográfica para se entrar em cena nacional. Nesse sentido, desde Luiz Gonzaga, a música nordestina apresentou-se com um caráter imbricado do regionalismo percebido nas canções e na montagem do discurso das letras do sertão, como um espaço de memórias/mnemônico representando o cotidiano do sertanejo com seus problemas sociais, a violência, e especialmente o fluxo migratório entre o sertão e a metrópole. Os artistas que vieram após esse período também reverberaram esse comportamento, reproduzindo em alguma de suas canções o mesmo discurso, tomando como referência a obra de Luiz Gonzaga, sendo herdeiros culturais.⁸

|235

Podemos destacar dentre esses artistas classificados cronologicamente em gerações as figuras dos cantores e compositores Fagner, Ednardo e Belchior, todos advindos do Ceará após o *Tropicalismo*⁹ da década de 1970, período do auge da indústria musical brasileira, que traçaram o mesmo percurso de vir para o Sul. Sobre isso, Fagner nos fala que:

A maneira como nos olham e definem: somos os paraibas das construções, os paus de arara das feiras de São Cristóvão. Os famintos. E aí chegamos e enfrentamos isso como se estivéssemos entrando em outro país. É uma batalha desumana essa de chegar e conquistar um lugar ao sol no meio de tanta fera. Eu vim disposto a arriar a minha bagagem e não para levá-las de volta para casa¹⁰.

⁷ HAUDENSHIELD, André Rocha Leite. “Lamento sertanejo”: experiências diaspóricas e a reinvenção das identidades culturais nordestinas na música popular brasileira nos anos 1960 e 1970. Brasília, XXIX Simpósio Nacional de História Contra os Preconceitos: História e Democracia. 2017, p. 4 (Anais).

⁸ HAUDENSHIELD, André Rocha Leite. *Ibid.* 2017, p. 2 (Anais).

⁹ Movimento de corrente artística e política surgido no final dos anos 60 e que revolucionou a Música Popular Brasileira, tendo como principais articuladores os artistas Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, entre outros.

¹⁰ MEDEIROS, Jotabê. Belchior – Apenas um rapaz latino-americano. São Paulo: Todavia, 1ªed. 2017.p. 43.

Não era fácil, então, sair da região de origem e ir enfrentar o “novo” em uma região que estava além da realidade dos músicos, pois havia dificuldades que tornariam todo o processo de efetivação musical gradualmente doloroso e desafiador. No entanto, a vinda desses grandes nomes da música cearense se efetivou, mas possuíam uma atuação com conotação grupal, realizando até mesmo produções conjuntas em disco, sendo então denominados de *O Pessoal do Ceará*.

O Pessoal do Ceará foi um nome alegre e até irônico. É a designação vulgar de “grupo”, que na realidade englobava um sem número de pessoas que geracionalmente estavam envolvidas com o projeto da música aqui, não correspondia ao objetivo maior. O caráter mais interessante da nossa geração foi de termos incorporado como espírito diretor de nossos projetos, às coisas naturais, não exatamente como objeto de consumo¹¹.

236 | A importante consideração de Belchior sobre o movimento de música cearense nos faz entender que, embora os artistas possuíssem essa aparência grupal, cada qual dos integrantes possuía suas singularidades e estilos musicais múltiplos, sendo essa formação consagrada na gravação do disco *Pessoal do Ceará – Meu Corpo Minha Bagagem*, em 1972¹², que serviu de aporte para a inserção desses artistas no quadro nacional da música popular e para cunhar o título do grupo referencial do Ceará, marcante de uma geração. Sobre isso nos fala Rogério:

Até hoje jornalistas, pesquisadores, amantes da música cearense, comunidades virtuais e sites associam o nome Pessoal do Ceará a esse grupo de pessoas inseridas no campo intelectual e artístico que produziram músicas, canções, poemas, entre outros, partido de lugares e referências estéticas comuns a todos eles e que implementaram concomitantemente um projeto de inserção nacional de suas obras¹³.

Belchior, o menestrel do Ceará

Belchior, cantor e compositor provindo da importante cidade interiorana de Sobral, localizada no noroeste do estado do Ceará, e como anteriormente falado, consagrou-se como um importante nome da música cearense, ascen-

¹¹ PIMENTEL, Mary Aires. *Terral dos sonhos – o cearense na música popular brasileira*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará/ Multigraf Editora, 1994, p. 101.

¹² EDNARDO. *LP Pessoal do Ceará. Meu Corpo Minha Bagagem*. São Paulo: Continental, 1972.

¹³ ROGÉRIO, Pedro. *Pessoal do Ceará – habitus e campo musical na década de 1970*. Fortaleza: Edições UFC, 2008, p. 28.

dendo a uma posição de destaque no cenário da música popular brasileira. Construindo, assim, sua inesquecível obra poético-musical de excepcional riqueza intelectual com canções de significados “misteriosos e instigantes poemas concretos”, possuindo mais de vinte discos gravados. Com musicalização e timbre singular em sua performance interpretativa, com “a voz áspera e seca, ‘como as de um vaqueiro do sertão’”¹⁴, e que tinha no transcorrer dos seus versos referências e influências literárias de vários autores. Por isso, suas canções causam um impacto instigante capaz de formular várias questões que levam um contingente numérico expressivo de produções de pesquisa acadêmicas sobre sua obra e várias produções bibliográficas sobre sua vida. Conforme nos descreve Rogério¹⁵ em sua produção sobre o Pessoal do Ceará, a formação acadêmica de Belchior foi transdisciplinar, sendo a sua primeira formação básica no Colégio Sobralense, ainda na cidade de Sobral, até ir para a Convento dos Frades Capuchinos, em Guaramiranga, onde se tornara noviciando nos estudos religiosos, pois era o caminho mais fácil de um membro de família humilde do interior conseguir ingressar em um curso de Filosofia. E, conforme fala o próprio cantor: “Eu nasci em Sobral e creio que espiritualmente eu devo tudo a essa cidade. Foi lá que eu vi as pinturas das igrejas, foi lá que eu corri atrás das bandas de música, foi lá que eu ouvi os serviços de autofalantes”¹⁶. Sobral será o norte de sua formação musical, rica de sons e de cores que preencheram a memória de um jovem rapaz que iria ganhar o mundo.

No entanto, Belchior não prosseguiu na carreira eclesiástica. Partindo com sua família para a capital, estudou no Liceu do Ceará até prestar vestibular para o Curso de Medicina na Universidade Federal do Ceará - UFC, lugar onde o ambiente acadêmico e a vida boêmia noturna proporcionaram suas primeiras experiências musicais em festivais internos da universidade.

Toda essa trajetória acadêmica de Belchior rendeu-lhe influências que modularam seu jeito de cantar, sua visão de mundo e a sua filosofia de vida, tendo uma posição de destaque dentre os artistas que compunham o movimento do Pessoal do Ceará, como um cantor de repercussão nacional. Sobre essa fase de Belchior, nos fala Ednardo:

A admiração por Belchior, no entanto, crescia entre os colegas. “Todo o Pessoal do Ceará considerava Belchior um hábil e atento poeta letrista, com belas melodias, dono de uma voz potente e bem característica, com uma obra musical perene na música popular brasileira, o que também é atestado por importantes interpretes”, afirmou Ednardo¹⁷.

¹⁴ MEDEIROS, Jotabê. *Belchior – Apenas um rapaz latino-americano*. São Paulo: Todavia, 1ªed. 2017.p. 57.

¹⁵ ROGÉRIO, Pedro. *Pessoal do Ceará – habitus e campo musical na década de 1970*. Fortaleza: Edições UFC, 2008, p. 41.

¹⁶ CENTRO CULTURAL BANCO DO NORDESTE, YOUTUBE: 1/5 Belchior – Programa Nomes do Nordeste. 10min. 37s. Disponível em: <<https://youtu.be/LQnlczSXUAQ>>. Acesso em: 14 out. 2018.

¹⁷ MEDEIROS, Jotabê. *Belchior – Apenas um rapaz latino-americano*. São Paulo: Todavia, 1ªed. 2017.p. 26.

Um sujeito melopoético em suas canções

As canções de Belchior retratam a pessoa do autor em um contexto autobiográfico, transparecendo a realidade, o cotidiano, as impressões de mundo, o modo em que se vive um nordestino fora de seu contexto de pertencimento, em um lugar desconhecido, cheio de desafios e novas descobertas de uma região promissora imaginada como um paraíso construído por diversas razões ideológicas e políticas de um dado governo. É que o “ser” nordestino ao se deparar com a realidade, aspecto bem presente no intertexto das canções, reage de uma forma perplexa diante das dificuldades encontradas, invocando sentimentos saudosistas de sua terra como lembrança ou memória de um refúgio.

Belchior, certa vez, ao ser questionado na entrevista pelo Professor Pasquale no programa *Nossa Língua Portuguesa*, na TV Escola, sobre o significado da canção “Como nossos pais”¹⁸, que foi eternizada na voz da impetuosa Elis Regina¹⁹, e que lhe consagrou o título de um melhores compositores da música popular brasileira, falou sobre as simbologias e significados que compõem os intertextos da canção:

Há um outro aspecto muito interessante que o autor não tem tanto distanciamento nessa canção. Eu como autor estou comprometido com o personagem dela e me identifico com aquele drama, com aquele conflito e também o contraste, não é? Que eventualmente o autor podia elidir e nesse caso não faz²⁰.

Podemos, nesse sentido, analisar nos versos da canção de Belchior uma característica ímpar do estilo de composição já aludida no relato. Esclarece que em suas canções o autor, ao desenhar a trama e o desenvolvimento da sua obra poético-musical, se coloca como um sujeito participante, que se identifica e se impõe em um contexto histórico específico que reverbera um *locus* de enunciação que o inspirou e condicionou seu ato de criação²¹. E, na fala do artista, podemos observar que essa relação de composição e artista está colocada como híbrido e interdependente que o compromete com todas as questões que estão colocadas na escrita que a compõe.

¹⁸ Além dessa canção, a cantora também incluiu “Velha Roupas Coloridas”, de composição de Belchior, no repertório do show *Falso Brillante* em 1976.

¹⁹ A artista também gravou “Mucuripe” em 1972 no LP *ELIS*, sendo a canção de composição conjunta de Fagner.

²⁰ MACHADO, Álvaro. YOUTUBE: Professor Pasquale entrevista o cantor Belchior - *Nossa Língua Portuguesa* (1996). 15 fev. 2016. 27min. 54s. Disponível em: <<https://youtu.be/joB1oBzNSQI>>. Acesso em: 14 out. 2018.

²¹ HAUDENSHIELD, André Rocha Leite. “Lamento sertanejo”: experiências diaspóricas e a reinvenção das identidades culturais nordestinas na música popular brasileira nos anos 1960 e 1970. Brasília, XXIX Simpósio Nacional de História Contra os Preconceitos: História e Democracia. 2017, p. 4 (Anais).

No entanto, a composição em si não basta, pois há aspectos estéticos que perfazem e que complementam a obra, descamando elementos extramusicais que estão nas entrelinhas da canção.

‘O sentido sociocultural, ideológico e, portanto, histórico, intrínseco de uma canção é produto de um conjunto indissociável que reúne: palavra (letra); música (harmonia, melodia, ritmo); performance vocal e instrumental (intensidade, tessitura, efeitos, timbres predominantes); veículo técnico (fonograma, apresentação ao vivo, videoclipe)²².

Portanto, para compreendermos a complexa obra de Belchior, destrinchando os significados que a envolvem, devemos apurar nossos sentidos de visão e audição, que estão além do risco do papel e que nos possibilita apreender e a formular uma infinidade de entendimentos polissêmicos sobre o que está além de música instrumentalizada.²³ Pois é a obra antes de tudo uma produção poética, é sentimento e sensibilidade humana de um autor que conseguiu exprimir em sua produção poético-musical como compositor, e em sua performance como intérprete, no êxtase do exercício de reinventar sons e das notas emitidas, não se limitando à regra rígida da concretude da estrutura cifrada que conseguiu, através do som, transpor barreiras temporais e culturais que o perpetuaram como um sujeito de extrema erudição e sensibilidade com as coisas dessa vida. |239

A polissemia das canções. Fotografia 3x4

Belchior marcava com o disco LP *Alucinação*, em 1976, composto por 10 faixas pela gravadora Polygram, o segundo trabalho da discografia de sua então tenra carreira como cantor e compositor e que, sendo a música *Fotografia 3x4* uma das músicas de maior destaque, ocupando a 9ª posição das faixas. Antes de tudo, é válido dizermos que não é objetivo do texto trazer interpretações definitivas, mas, como dito anteriormente, é apenas uma das interpretações possíveis sobre as canções, pois é necessário observarmos a letra para depois aludirmos questões sobre ela, dissertando sobre partes pontuais da obra que comporão uma das possíveis análises da canção.

Eu me lembro muito bem do dia em que eu cheguei
Jovem que desce do Norte pra cidade grande.
Os pés cansados e feridos de andar légua tirana.

²² NAPOLITANO, Marcos. A História Depois do Papel. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo Contexto, 2010, p. 271.

²³ _____, *História & Música - História Cultural da música popular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed., 2005, p. 78.

E lágrimas nos olhos de ler o Pessoa
E de ver o verde da cana²⁴

Ao começar a canção, Belchior tece uma narrativa em que se coloca como participante da canção, o eu lírico, o sujeito melopoético em forma de relato de vida, autobiográfico, como anteriormente falamos. Inserindo a si mesmo como agente participativo do movimento migratório que os artistas cearenses tiveram de enfrentar para vir do Nordeste para o eixo-Sul do Brasil na década de 1970, período de composição da música, em busca de projeção e reconhecimento artístico, parece estar explícita a dor de ser ainda tão jovem e ter de deixar sua terra em busca de um “novo” que estava longe do interior, em “légua tirana”, afixado nos grandes centros urbanos, no caso de São Paulo e Rio de Janeiro.

Em cada esquina que eu passava um guarda me parava
Pedia os meus documentos e depois sorria
Examinando o 3/4 da fotografia
E estranhando o nome do lugar de onde eu vinha.

240 | As dificuldades relatadas aqui por Belchior descrevem bem o estranhamento e a perplexidade em se deparar com um novo estado, estando na terra, no caso o Brasil, mas fora dela, no caso o Nordeste, tendo de se identificar como se fosse um estrangeiro completo, o que corroborou com a ação “guarda que o parava”, no desconhecer de onde ele vinha, necessitando de um documento para ser identificado. Além da sua fisionomia, podemos pensar também do sotaque e das variações linguísticas que lhes serviam como defidores identitários.

Mas o que pesa no Norte, pela Lei da Gravidade,
(disso Newton já sabia) cai no Sul, grande cidade.
São Paulo violento... corre o Rio que me engana.
Copacabana, a Zona Norte, os cabarés da Lapa, onde eu morei...

A parte em que podemos considerar como questão central na canção se encontra aqui, onde o autor passa a ideia de que a ida do Norte para o Sul seria um fenômeno sustentado pelas leis da física, o que em tese se enquadraria como um “determinismo social” e que teria realmente uma conotação de peso como um fardo (MOREIRA, 2015, p. 67). No tocante a situação das pessoas que optavam por esse caminho, passava desterrados, enfrentando os perigos de se morar na “grande cidade” e violentas como São Paulo dife-

²⁴ BELCHIOR, Antônio Carlos Gomes. LP Alucinação. In BELCHIOR. FOTOGRAFIA 3X4. São Paulo: Polygram, 1976^a, f.9.

rente da pacata rotina do interior, e coloca em xeque a imagem glamorosa como do Rio de Janeiro, como a “cidade maravilhosa”, que seduz e engana quem vem com a realidade e que enfrenta dificuldade para morar, vivendo em constantes mudanças para lugares diferentes, coisa que esteve bem presente na vida de Belchior.

Mesmo vivendo assim não me esqueci de amar
 Que o homem é pra mulher e o coração pra gente dar
 Mas a mulher que eu amei não pode me seguir...
 Esses casos de família e de dinheiro eu nunca entendi bem.
 Veloso, “o sol (não) é tão bonito” pra quem vem
 Do Norte e vai viver na rua.

A expressão de “esquecer” e “lembrar” estão enfaticamente presentes na canção e, toda vez em que aparecem, exprimem uma relação com a dor pungente das coisas reais da vida. No entanto, aqui aparece como forma de contraponto ao que foi dito antes, explicando que mesmo passando por todas as condições adversas, jamais deixou de lado o que aparece como dever de amar, mesmo quem um dia ele amou, não pode seguir ou não quis seguir, como um problema pessoal crítico, a trajetória do artista, que reage com indiferença por isso não acontecer.

No final da estrofe destacada, Belchior faz uma citação contradizendo uma conhecida canção de Caetano Veloso, a música “Alegria, alegria”²⁵²⁶, colocando uma negação do “não” entre a frase original da canção que culmina com o sol, podendo representar as oportunidades e no tocante à composição e à trajetória de quem vinha do norte, a falta delas e que vai passar privações motivadas por elas.

A noite fria me ensinou a amar mais o meu dia
 E pela dor eu descobri o poder da alegria
 E a certeza de que tenho coisas novas pra dizer.

Nessa parte, o autor já se coloca como uma pessoa experimentada, que através das privações e das intempéries do tempo, aprendeu a valorizar as coisas do cotidiano, e que mesmo doendo, tudo isso lhe propiciou gradualmente uma contribuição para que agregasse em suas produções coisas “novas” para dizer em versos fortes e cortantes como faca.

A minha história é talvez igual a tua.
 Jovem que desceu do Norte e que no Sul viveu na rua.

²⁵ “Ela nem sabe, até pensei/Em cantar na televisão/O sol é tão bonito/Eu vou”.

²⁶ Canção difundida especificamente nos anos de maior repressão ainda na década de 60 a partir do movimento Tropicália, no qual Caetano foi um dos nomes mais expressivos.

E que ficou desnorteado – como é comum no seu tempo.
E que ficou desnorteado – como é comum no seu tempo.
E que ficou apaixonado e violento como você.
Eu sou como você, eu sou como você, eu sou como você,
Que me ouve agora.
Eu sou como você, eu sou como você, eu sou como você.

Fechando a parte final da canção com tonalidades apelativas que enfatizam pela repetição várias frases, Belchior objetiva a música diretamente ao ouvinte/telespectador, que ingere as palavras ao escutar a canção, dando a possibilidade de que talvez a condição em que o ouvinte se encontra seja semelhante ao do eu lírico da canção, no caso, Belchior na “descida do Norte”, sendo a canção composta e divulgada na década de 1970, e como dantes falando, o fluxo migratório alcançou seu auge não somente no meio artístico, mas também nas demais classes sociais, que se encontravam e que coincidem com o jogo de palavras do autor como “desnorteadas” ou desterradas de seus locais de origem, podendo ser uma música de impactos identitários para não só uma geração, mas como também hoje, pois há muitos nordestinos que ainda comumente são como Belchior.

Princesa do meu lugar

A canção “Princesa do meu lugar”²⁷ é uma das canções mais sentimentais de Belchior, tendo apenas um registro de sua interpretação em um programa televisivo chamado *Som Brasil*, pela TV Cultura, na apresentação do ator Lima Duarte, que começa a apresentação com uma introdução que fala da transitoriedade de um indivíduo que busca melhores condições de vida em outra lugar, “tendo saudade da terra estando na terra”, e ressalta os nordestinos como um grupo que costumeiramente faz isso, e se nada der certo, há a opção do regresso.

Se me der vontade de ir embora,
Vida adentro, mundo a fora
Meu amor, não vá chorar
Ao ver, que o cajueiro anda florando
Saiba que estarei voltando, princesa do meu lugar.

Outra vez o autor se impõe como eu lírico na canção, iniciando com uma conversa com uma terceira pessoa, trazendo aqui então o desejo de sair de sua terra para um mundo exterior e estranho, mesmo estando na mesma delimitação geográfica em que se compreende o Brasil. Nesse sentido, Belchior

²⁷ VALBUENO, Eduardo. YOUTUBE – Belchior - *Princesa do meu lugar* (Programa Som Brasil).12 abril. 2012. 3min. 48s. Disponível em: <<https://youtu.be/FaY55w6PwRQ>> Acesso em: 10 out. 2018.

entra sutilmente com a canção que interpreta através da sua voz tipicamente nordestina nos causando um sentimento de reflexão profunda sobre as idas e regressos, casando com o texto introdutório de Lima Duarte. Usando indicativos da natureza como o “cajueiro florando”, simbolizando um tempo de fartura no sertão com pequenas chuvas em tempo de estiagem, podendo voltar para a “Princesa do meu lugar”, título da canção que remete a uma mulher amada, mas também nos faz pensar e a remeter quase que automaticamente no apelido carinhoso que a cidade origem do cantor, Sobral, possui como “Princesa do Norte”, distinguindo-a dos demais municípios do Ceará, dando um sinônimo de realeza.

A terra toda é uma ilha
 Se eu ligo, meu radinho de pilha
 Terás notícias de mim entre as carnaubeiras
 Meu amor é um passarinho
 Pode fugir da tua mão,
 Não dances, não dances pelo caminho
 Ou não vou-me embora não

Dando continuidade aqui aos versos em que se desenvolve a canção, podemos perceber uma entonação maior no canto da estrofe, trazendo questões interessantes que em ocasiões de abordagem em entrevistas, Belchior fala da importância do rádio no sertão e de como a população e ele mesmo reagia a isso.

|243

O rádio é um objeto realmente mágico no interior, no profundo interior. O interior era cheio de serviços de autofalantes. [...] e esse serviço de autofalante modulou a vida de muitas populações interioranas do Ceará, da Bahia, da Paraíba²⁸.

Nesse sentido, podemos entender que o rádio estava, no período de composição da música, bem presente no cotidiano do sertão ainda na década de 1970, onde a notícia interligaria todas as pessoas por esse veículo de comunicação, transformando toda distância da sua terra em uma “ilha”, podendo dizer “entre as carnaubeiras”, planta nativa da região de Sobral, quando ele voltaria.

Já na segunda metade da estrofe, podemos observar que há um certo simbolismo poético na condição de amor como um passarinho, ou algo inconstante que deve alçar voo, e que a qualquer movimento brusco pode se lançar de onde está ou podendo significar que seu regresso depende ou não de ocasiões imprevisíveis.

²⁸ FRANZ, João Antônio. YOUTUBE: Belchior - MPB Especial (02/10/1974). 05 nov. 2016. 51min. 42s. Disponível em: < <https://youtu.be/94-rOEVnyDg> > Acesso em: 14 out. 2018.

Não há pranto que apague
Dos meus olhos o clarão
Nem metrópole onde eu não veja
O luar, o luar do sertão!

E, para finalizar a canção, Belchior traz da mesma forma que na canção Fotografia 3X4, a condição de que nem mesmo as dores, nem os encantamentos da cidade grande, podem desvanecer “dos olhos” dele o sentimento que o eu lírico da canção nutre e preserva pelo seu lugar de partida, fazendo uma citação direta da canção interpretada pelo grande Luiz Gonzaga, “Luar do Sertão”²⁹, no qual retrata que nada nos centros urbanos se compara com as belezas do sertão.

Considerações finais

244 | Belchior foi e é uma personalidade na nossa música popular brasileira envolta de mistérios ditos e não ditos e, em sua trajetória, passou por intempéries e escolhas pessoais que ao longo da vida o fez se isolar da fama e se dedicar aos seus trabalhos e metas íntimas, mas isso não fere a importância de sua extensa obra, de uma riqueza que simboliza indiscutivelmente o seu protagonismo como agente produtor cultural junto ao Pessoal do Ceará, sendo inquestionavelmente “apenas um rapaz latino-americano” e que soube, através das notas emitidas, representar toda uma geração e que a cada reprodução dos seus discos com a agulha na vitrola, todos “rejuvenhecemos” ao ouvir esse “rapaz delicado e alegre que canta e requebra”.

²⁹ Não há, ó gente, ó não/Luar como esse do sertão. Não há, ó gente, ó não/Luar como esse do sertão/Oh! que saudade do luar da minha terra/Lá na serra branquejando folhas secas pelo chão/Este luar cá da cidade tão escuro/Não tem aquela saudade do luar lá do sertão/Não há, ó gente, ó não/Luar como esse do sertão. Não há, ó gente, ó não/Luar como esse do sertão /Se a lua nasce por detrás da verde mata/ Mais parece um sol de prata prateando a solidão/E a gente pega na viola que ponteia/E a canção e a lua cheia a nos nascer do coração/Não há, ó gente, ó não/Luar como esse do sertão. Não há, ó gente, ó não/Luar como esse do sertão/Mas como é lindo ver depois por entre o mato/ Deslizar calmo, regato, transparente como um véu/No leito azul das suas águas murmurando/ E por sua vez roubando as estrelas lá do céu/Não há, ó gente, ó não/Luar como esse do sertão/Não há, ó gente, ó não/Luar como esse do sertão.

Autores desta obra

Maria Malena Paiva Mesquita, Francisca Clédia Sousa de Oliveira, Letícia Rodrigues Gonçalves, Caubi Alves Braga, Naiane Nobre Martins, Pedro de Souza Filomeno Filho, Raimundo Nonato Fernandes, Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara, Adelina Lopes Guimarães, Sebastião Ferreira Carneiro, Paulo Ênio de Sousa Melo, João Henrique Brito Lima, Natanael Lopes Alves, Vinícius Pereira de Sousa, Alan Silva de Moraes, Antônio Tarciano Aragão Sousa, Maria Deiziane Lino, Raimundo Sousa Alves, Cleane dos Santos de Medeiros, Nilson Almino de Freitas, Francisco Sávio Barbosa do Nascimento, Odail José Martins Freire, Valério Samarooni Moraes de Queiroz, Maely Alves de Mesquita, Carlos Augusto Pereira dos Santos

Nossa Gente, Nossa História é o resultado da escrita de vinte e três artigos, divididos em quatro partes temáticas que podem ser conferidas no sumário e ao longo do livro. Portanto, empreendemos um mergulho no universo sertanejo, falando da alegria da chegada do inverno, do inferno da seca e das práticas religiosas que beiram o fanatismo (Parte 1). Adentramos no mundo do trabalho e esticamos a jornada para compreendermos os projetos e propostas de escolarização e educação do nosso povo (Parte 2).

Por outro lado, foi necessário falarmos da diversidade cultural que nos caracteriza. O que tem em comum o universo *queer* no cinema e as sociabilidades homoafetivas no espaço citadino? O que um pai de santo e um conjunto de mulheres rezadeiras podem nos dizer sobre a prática da cura? Quais são as fronteiras culturais entre dançadores de reisado, jovens bailarinos da periferia e a obra do cantor Belchior? São interrogações que poderão ser respondidas, ou não, lendo-se o conjunto de artigos da Parte 3. Finalizando, como a política e a economia interferem no cotidiano de uma cidade? É o que os autores propõem discutir na Parte 4, evidenciando as características singulares na história dos municípios de Ibiapina e Camocim.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-9539-035-5



9 788595 390355